

dançar

P R E S S

ANO 1 - NÚMERO 2 - 1991

A VANGUARDA NA

B I E N A L

ENSINO:
ROSE CALHEIROS

A VOLTA
DO GUAÍRA

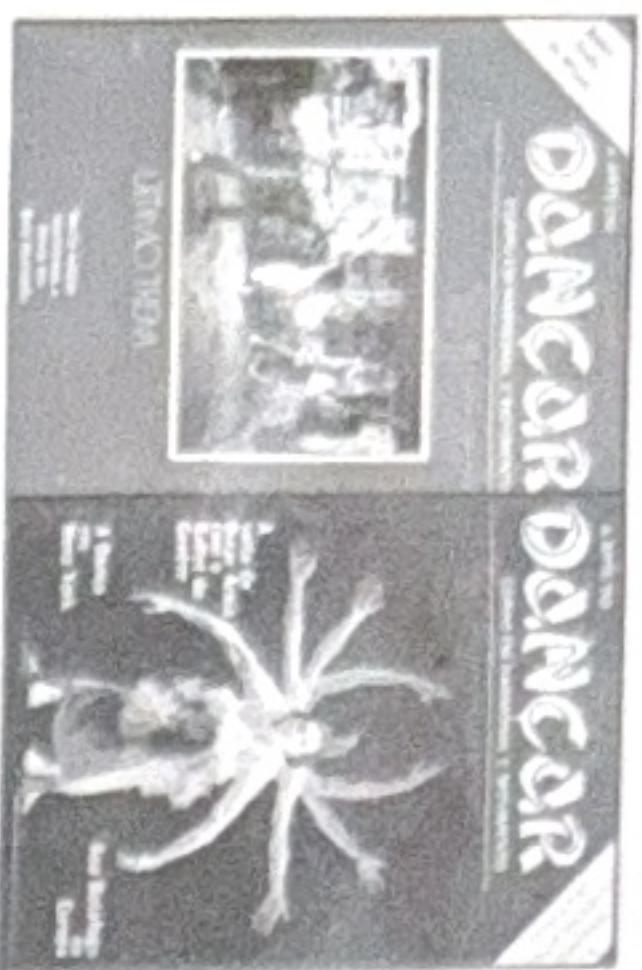
CRÍTICA:
LOS
TROCKADEROS



Complete sua Coleção e ASSINE

Se você deixou de adquirir alguma edição da Revista Dançar não perca esta oportunidade de completar sua coleção.

A quantidade é limitada. Assegure logo seu exemplar enviando, hoje mesmo, cheque nominal à DANÇAR - Empresa Editorial de Comunicações Ltda.
R. Alabastro, 304
CEP-01531
São Paulo - SP



Ed. 6



Ed. 10

Ed. 13



Ed. 8

Ed. 9



Ed. 17

Ed. 20



Ed. 21



Ed. 22



Ed. 23



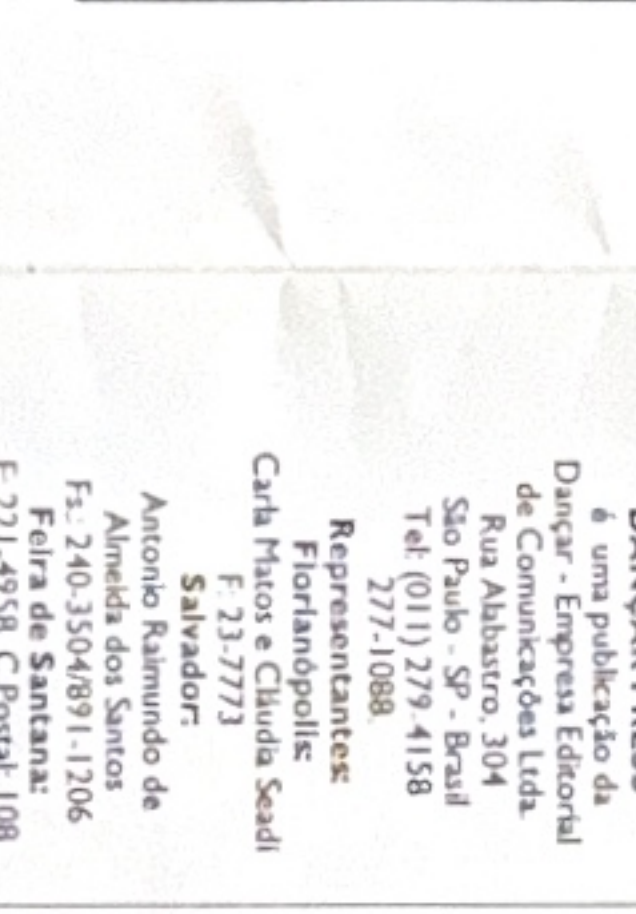
Ed. 24



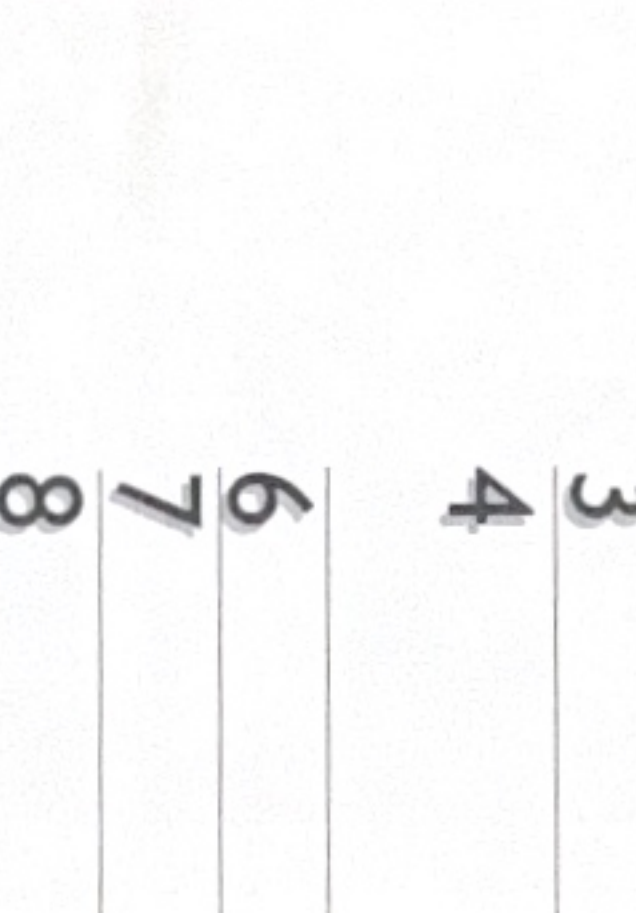
Ed. 25



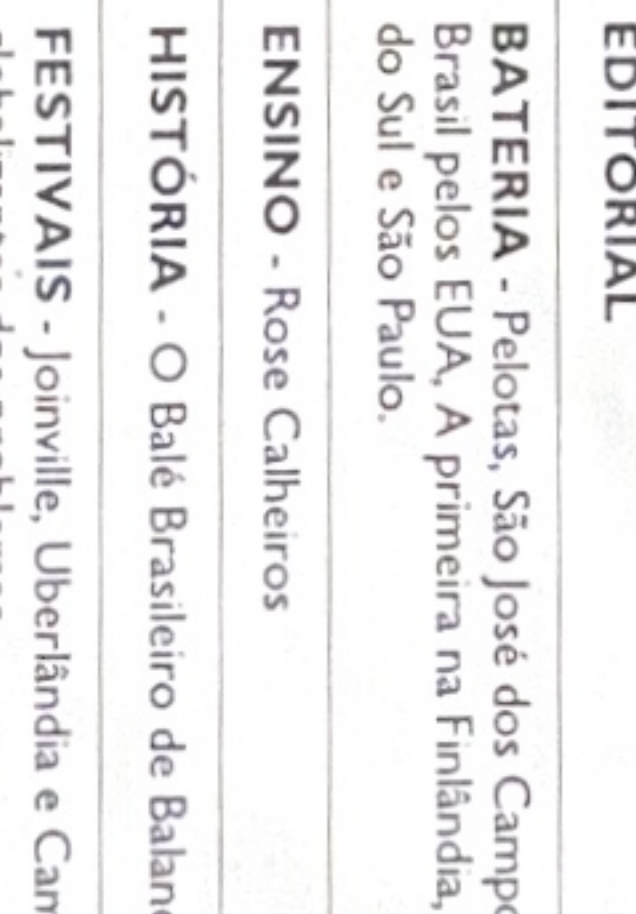
Ed. 26



Ed. 27



Ed. 28



Ed. 29



Foto da Capa: Caratz Oficial da Bienal (Norberto Avelanded), Susanne Linke (Dhulk) e Astrakan (Dhulgêsto)

DANÇAR

Director Geral: Pedro Geraldo Bianco Jr.
Diretora: Nildas Bianco

Jornalista Responsável: Hircos Bragato D.R.T. nº 24.440/16993/84

Visual, arte e produção: Nalvor Lopes

Colaboraram nesta edição: Antonio José Faro, Helena Katz e Cássia Naves

Colab. Internacionais: Osvaldo Bueno, Joel Serraman e Kátia Canton
Dept.* Administrativo: Sílvia Bianco

Desktop Publishing: Marisa Bertoldi Zampini

Fotolito: Takolor

DANÇAR PRESS é uma publicação da Dançar - Empresa Editorial de Comunicações Ltda. Rua Alabastro, 304 São Paulo - SP - Brasil Tel.: (011) 279-4158 277-1088

Representantes: Fiorlanopolite Carli Mitros e Cláudia Sadi F. 23.7773

Salvador: Antonio Raimundo de Almeida dos Santos F. 240-3504/891-1206
Feira de Santana: F. 221-4958, C/Postal: 108
Porto Alegre: LER Jornais e Revistas R. Prodlisio Alves, 2820 F. 34.4796

Distrito Federal: Elaine Simeure da Costa F. 274-8006
Assessoria Contábil: Pedro Geraldo Bianco
Assessoria Jurídica: Cássio Félix Advogados

Tratador: Sérgio Vaira Pinto
Inscrita no CFC nº 35.001.438/8758. Tel. 7505
E vedada qualquer reprodução em parte ou no todo destes artigos ou fotos. Os artigos assinados não representam necessariamente a opinião desta revista.

EDITORIAL

A dança brasileira começa aos poucos respirar aliviada, apesar de algumas dificuldades que teimam em permanecer, depois do golpe desfechado com a extinção da Lei Sarney, os dois Planos Collor e a mudança dos governadores estaduais. Esse fôlego pode ser atestado pela volta do Balé Teatro Guaíra de Curitiba e, com uma agenda organizada até o final do ano, do Balé do Teatro Municipal do Rio de Janeiro que ensaia uma nova produção. A atração que deve marcar o ano e substituir o vazio deixado pelo Carlton Dance é a 21ª Bienal Internacional de São Paulo, com a vinda de quatro companhias estrangeiras inseridas no que há de mais avançado na dança norte-americana e européia. Douglas Dunn, Elizabeth Streb, Susanne Linke e Astrakan poderão reacender em nós, de setembro a novembro, o gosto pela pesquisa e pela inovação. A 21ª Bienal, que pretende ser a "Bienal das Artes", com o teatro e música, mostra também a Dança Coral de Maria Duschenes, a introdutora de Laban aqui no Brasil, e o trabalho solo de Cristina Brandini.

A Dançar Press não poderia deixar de registrar as passagens do engraçado Les Ballets Trockadero de Monte Carlo e de quatro bailarinos norte-americanos do PS-122, vindos pelas mãos do Grupo Contadores de Estória, de Paraty; o ensino de Rose Calheiros, que acaba de se mudar para a Alemanha, e as questões que cercam os Festivais de Joinville, Uberlândia e Campina Grande.



Eduardo Simões

"Projeto Equilíbrios" com Cristina Brandini, na 21ª Bienal Internacional de São Paulo.

EDITORIAL

4 BATERIA - Pelotas, São José dos Campos, Santos, Brasília, Brasil pelos EUA, A primeira na Finlândia, Agito no Sul, Caxias do Sul e São Paulo.

6 ENSINO - Rose Calheiros

7 HISTÓRIA - O Balé Brasileiro de Balanchine

8 FESTIVAIS - Joinville, Uberlândia e Campina Grande: Análises globalizantes dos problemas.

10 A DANÇA NA BIENAL - A vanguarda internacional aterrissa em São Paulo, de setembro a novembro: Douglas Dunn e Elizabeth Streb (americanos), Susanne Linke (alemã) e Astrakan (francês). Os brasileiros estão representados por Maria Duschenes e Cristina Brandini.

14 COMPANHIAS NACIONAIS - A volta do Guaíra (Curitiba) A Bela Adormecida (Rio de Janeiro).

17 CRÍTICA - Os Ballets Trockadero de Monte Carlo e PS 122, Fields Trips

18 NEWS - Notícias Internacionais

Quero receber as edições anteriores, abaixo assinaladas, no valor de Cr\$2.500,00 cada.

EDIÇÕES: _____
NOME: _____
ENDERECO: _____
BAIRRO: _____
ESTADO: _____
TEL.: _____

Pelotas

Sem muito alarde e sem competição, a cidade gaúcha realizou seu quarto Dança Sul, no Teatro Sete de Abril, no final de junho. Mais de 200 bailarinos do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, integrantes de 19 grupos, mostraram diferentes estilos de trabalho: de clássico ao folclórico, aqui representado pelos Centros de Tradições Gaúchas. Fica anotado mais uma iniciativa da Fundação Sete de Abril, na pessoa de Nina Pakxão, diretora-presidente.

São José dos Campos

A moçada que participou do 2º Festival de Dança reclamou pela falta de espaço aos grupos locais. Assim mesmo, a cidade levou cinco das sete colocações: Academia Sônia Saneftji, Ballet & Cia. e Ballet Cristina Cará. Estúdio de Tremembé e Escola Municipal de Taubaté foram os outros dois premiados.

Santos

O Festival Sesc de Dança e Ginástica de Santos, realizado em julho, eliminou a competição e separou a dança da ginástica. Entre os convidados, estavam Ana Botafogo e Paulo Rodrigues, Ballet Contemporâneo do Porto, Antonio Nóbrega e o grupo de Lia Rodrigues, com o perturbador "Cineceu".

Brasília

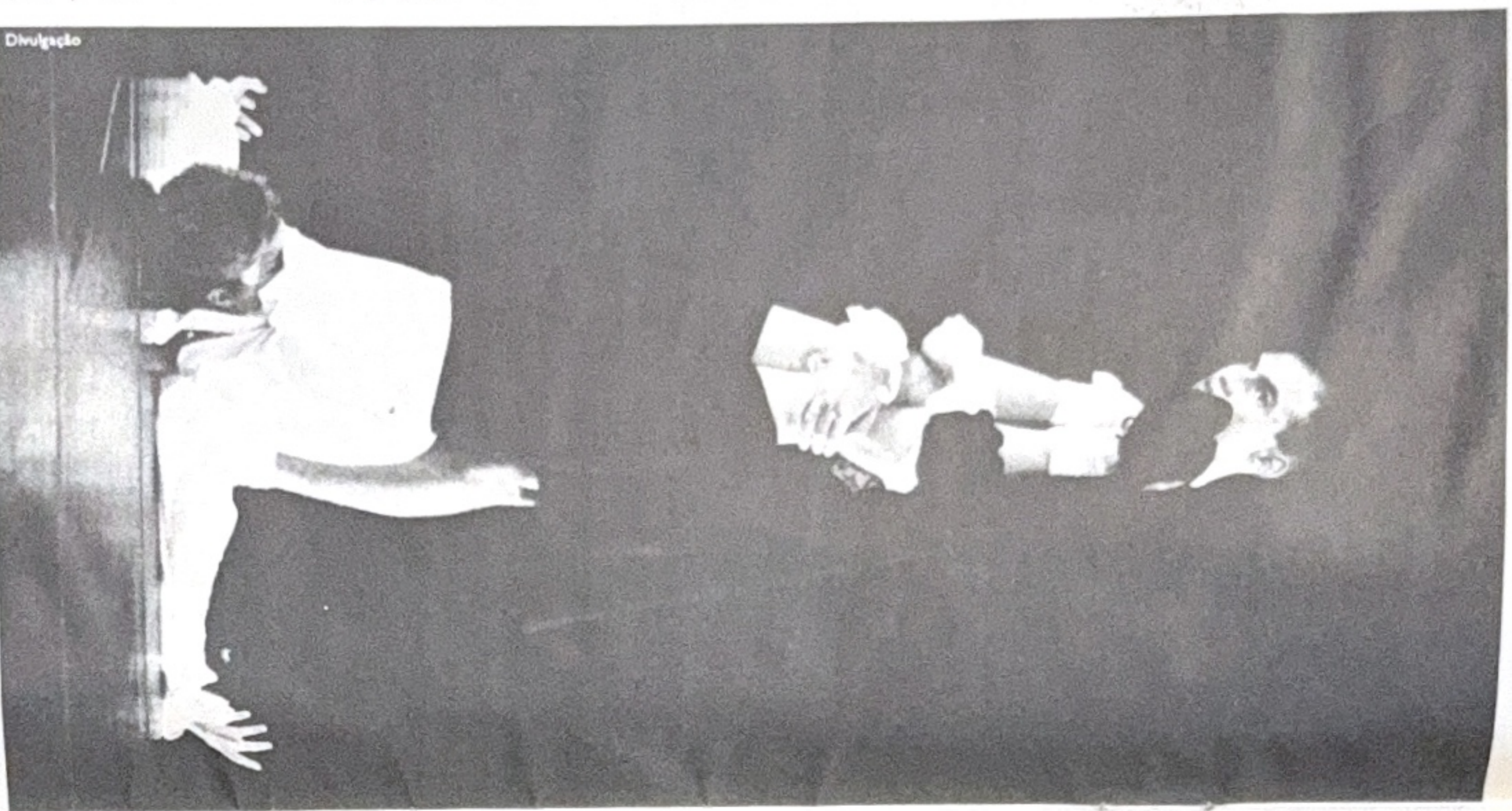
Depois de muitos problemas, o 1º Festival de Brasília conseguiu sair do papel, mas bem reduzido em relação ao projeto original. Começou tarde, 16 de julho, e com número menor de professores estrangeiros. Vieram o francês Christian Tautelle (bale para crianças), a inglesa Geraldine Armstrong (afro) e o alemão Hans Tappendorf. As aulas foram ministradas nas salas do Teatro Nacional Cláudio Santoro.

Brasil pelos EUA

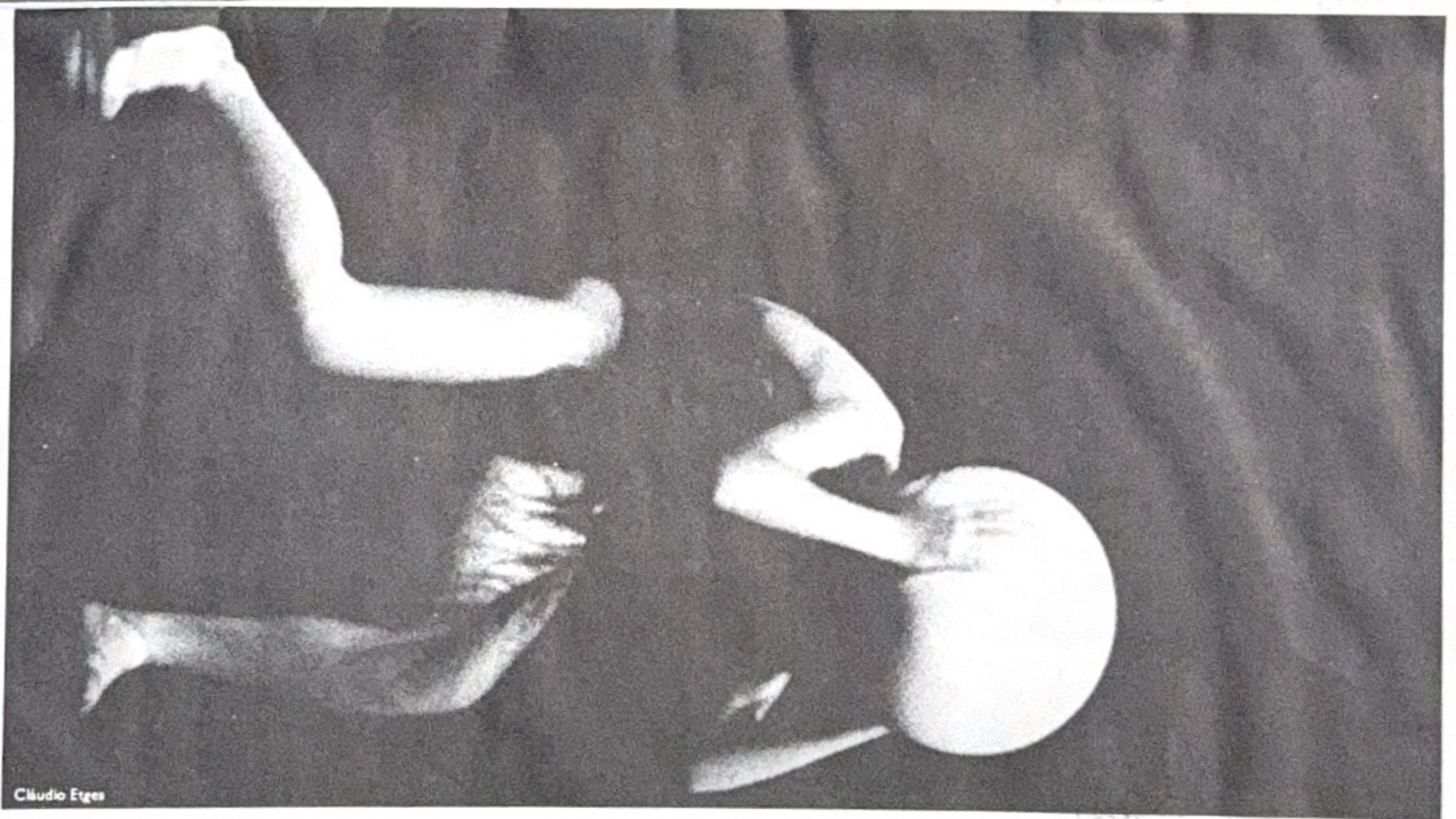
Dois jovens bailarinas decidiram se fixar em solo americano. A Carolina Juliana Neves, 19, foi convidada para integrar a companhia de Twyla Tharp, em Nova Iorque, e aceitou. A paulista Carolina Moraes, 14, da ADANAC de Limeira, depois de cursar uma bolsa no Jeffrey Ballet, pôde ser vista pela direção da companhia de dança clássica de Atlanta, Geórgia, que ofereceu um contrato profissional.

A primeira na Finlândia

A carioca Polyana Ribeiro, 16, faturou a medalha de ouro, entre 100 candidatas, no Concurso Internacional de Dança de Helsíngue, um dos três maiores do mundo. É a primeira bailarina brasileira a receber premiação em concurso internacional. Ela foi patrocinada pelo estúdio americano Harald Conservatory, de Sarasota, onde mora há dois anos. Como no atletismo, a dança precisa também pedir ajuda dos gringos.



Grupo de Dança da URPR (Universidade Federal do Paraná) presente em Pelotas.



"Muovere" de Cruz Alta: um dos grupos presentes no Dança-Sul 91.

Porto Alegre (1)

Os gaúchos, que há dois anos lutam para ter uma escola de dança oficial de 2º grau, realizaram em julho o seminário "A Formação do Artista em Dança no Mundo Contemporâneo", na belíssima Casa de Cultura Mário Quintana. Estiveram presentes 13 profissionais, ensinando matérias como fisiologia, dança moderna, música, estética e expressão corporal. No comando, a coreógrafa Eva Schull. O Centro é ligado ao Instituto Estadual de Artes Cênicas.

Porto Alegre (2)

O Phoenix, de Tony Seltz Petzhold e direção artística de Dilmir Messias, está com três novos trabalhos: "Oitavo Pecado", "La Valse" e "Relações" de Edson Garcia, Jussara Miranda e Heloíza Perez, todos prata da casa. O grupo, com 12 bailarinos, já fez três temporadas na cidade.

Porto Alegre (3)

O gaúcho Mudança e o paulista Quarter Latin (Santo André) iniciaram um intercâmbio para colocarem juntos os pés na estrada. As duas cidades já viram coreografias de Marisa Ballarín (Quarter Latin), Jussara Miranda e Ivan Motta. Dionio Koltz dirige o Mudança. A primeira parceria incluiu também o Urucâmara Ballet. Que bom, a dança brasileira está se amadurecendo. Tomara que isto se espalhe.

Caxias do Sul (Festival)

O circuito do vinho também tem seu festival. Acontece em setembro, o 2º Festival Internacional de Dança, com grupos argentinos, uruguayos e do sul ao país. O evento mostra de três a quatro grupos diariamente, sem competição. A organização garante bons grupos amadores.

Caxias do Sul (Companhia Oficial)

É quase realidade uma companhia municipal de dança. Prefeito e Câmara Municipal estão cecos, o que é raro, para dar forma legal ao primeiro grupo oficial do Rio Grande do Sul. Serão abertas vagas para 12 bailarinos. Eles darão seus primeiros passos no início de 92.

Londrina (Festival)

A Mostra de Londrina acontece em Outubro. As inscrições estão abertas para qualquer tipo de dança. Podem ser feitas na Secretaria de Cultura ou na ADANAC, pelo telefone (04332) 24-6236. Os grupos amadores dançam no teatro e as escolas em palcos ao ar livre. É organizada pela professora Yeda Russo.

São Paulo

O "Núcleo de Pesquisa: Processo de Criação em Dança Contemporânea" faz duas apresentações, nos dias 27 e 28 de setembro, na Pinacoteca do Estado, do resultado dos trabalhos desenvolvidos até agora. O núcleo é coordenado pela bailarina Zélia Monteiro, a pesquisadora Cássia Navas e o músico Oswaldo Sperandio. Sempre às 21h30, com entrada franca.



Rose Calheiros permela sua dança pela emoção

ROSE CALHEIROS

O jazz pode ser uma faca de dois gumes, aquela que engana e penetra sorrateira causando danos por um dos lados, sem avisar; abre mercados antes nunca percorrido, populariza de forma aparentemente bem acessível tropeçando por um lixo cadúco de clichês. Mas o ensino da dança jazz pode se transformar também num bem prazeroso, respaldado na seriedade, atingindo da região torácica ao cérebro, desabranchando a partir do coração. O ensino de Rose Calheiros pulsa por esta última opção: "Eu respeito sempre a individualidade de cada bailarino, e o que mais me atrai é ir de encontro ao essencial".

Depois de viver a fase do "rebolado grosso", nas noites cariocas dos anos 60, experimentar a desgastante vida de televisão, conviver com Lenny Dale, e se instalar de forma definitiva em São Paulo, Rose Calheiros está realizando agora o percurso inverso da maioria dos profissionais brasileiros: desembarca na Alemanha com tarefa tripla de bailarina, coreógrafa e assistente do Balé de Mannheim, aos 40 anos: "No começo fiquei insegura, mas me tranquilizei depois porque afinal a maturidade está aí para ajudar".

A sua lista de influências é pequena, ao contrário de nomes esquisitos e desconhecidos: "São duas. A primeira é a dança clássica. Sou apaixonada pelas linhas, pela limpeza, pelo que ela tem de fundamental. Lenny Dale é a minha segunda grande influência. Ela vai morar eternamente em meu coração porque na verdade ele era a emoção pura. Até hoje sofro esta influência", explica. Rose Calheiros define Lenny Dale como um vulcão em permanente erupção. Um profissional que dançava com o coração, fazendo de cada movimento um momento mágico.

Na construção de um ensino em cima desses dois elementos, Rose Calheiros faz a sua síntese própria, sua forma de encarar o mundo: "Para mim a dança é um trabalho infinito de intenções, o movimento permeado pela emoção, pela energia, o plexo vivo e as torções. Isso passa para o corpo dos meus bailarinos como representantes de grandes corações". Ela é avessa à brincadeira de formas, ao virtuosismo sem sentido. É um jogo que não faz parte do seu jazz.

MARCOS BRACATO

6 DANÇAR PRESS



George Balanchine

O BALÉ BRASILEIRO DE BALANCHINE

Garimpando pela história, o crítico e pesquisador Antonio José Faro descobriu a origem de um casamento entre a música brasileira e a criação coreográfica americana. Ele conta aqui o diálogo entre o monumental coreógrafo George Balanchine e a "Fantasia Brasileira" de Francisco Mignone.

Pouca gente sabe, mas o grande George Balanchine inclui na sua lista de 400 coreografias um balé com música, tema e cenografia brasileiras. "Fantasia Brasileira" teve vida curta, e é pouco citado na literatura americana sobre dança. A gênese desta obra é a seguinte:

Em 1941, alguns milionários americanos junto com o governo daquele país, decidiram financiar um grupo que fizesse uma longa viagem pela América Latina como uma espécie de embaixador de "boa vontade". Balanchine seria o coreógrafo e diretor artístico. Lincoln Kirstein, o diretor administrativo. Sete balés foram remontados e cinco especialmente criados. Inclui-se os famosos "Concertos Barroco" e "Ballet Imperial". Além de Balanchine, as coreografias eram assinadas por Antony Tudor, William Dollar, Eugene Loring e Lew Christensen. Todos foram estrutados no Rio de Janeiro, Teatro Municipal, em junho e julho de 1941.

No Rio, Balanchine ouviu um ensaio

da "Fantasia Brasileira nº 4" de Francisco Mignone (1897-1986) e pediu ao compositor para usá-la num balé. Mignone, que amava a dança compôs música para onze balés, imediatamente deu sua autorização, e Balanchine se lançou ao trabalho enquanto a companhia viajava. O tema misturava uma jovem perdida na floresta com um final que tinha uma ambientação de alegria carnavalesca. Um pesadelo que se transformava em sonho.

O balé foi estrutado a 27 de agosto de 1941 no Teatro Municipal de Santiago do Chile, na última noite da temporada naquela capital, e foi recebido com aplausos pela crítica e pelo público. Os cenários e trajes foram desenhados por Enrico Bianco, e os papéis principais entregues a Olga Suarez, Nicholas Magallanes e Fred Dantell. Este último, num depoimento à Nancy Reynolds no seu livro "Reper-tory in Review", lembra-se do sucesso e da alegria da companhia com o balé.

"Fantasia Brasileira" seria visto no restante da viagem latino-americana

que incluiria ainda Peru, Equador, Colômbia e Venezuela, sempre com sucesso, porém nunca nos Estados Unidos, nem no Brasil. O American Ballet Caravan se dissolveria ao voltar a Nova York e sua sequela, o Ballet Society também com Balanchine e Kirstein à frente, esposaria uma outra filosofia de trabalho, e apenas quatro dos balés do repertório daquele grupo seriam remontados.

Balanchine nunca mais usaria uma música ou tema brasileiros. Se existem fotografias daquele balé, dormem em algum arquivo poeirento. Uma daquelas histórias de que a dança está cheia, uma obra de sucesso mas que, por circunstâncias as mais diversas, desaparece do repertório e adormece nas páginas de alguns livros ou dicionários, para nós uma espécie de suplício de Tântalo: como teria Balanchine tratado nossa música e um tema brasileiro?

ANTONIO JOSÉ FARO

DANÇAR PRESS 7

OPORTUNIDADE

Quase uma década depois, o consenso surgiu. Sejam velhos frequentadores ou jovens que acabam de lá realizar a sua estreia, todos concordam que A (e não apenas uma) questão da dança brasileira está na educação. Pelo menos nisso, os festivais contribuíram: expuseram, ano após ano, as calamidades que um ensino deficiente produz.

A cada reedição, há se tornando mais claro que o mal assolava em todos os flancos. Nemos jurados escaparam (jurado: essa curiosa profissão instaurada pelos nossos festivais). Cada qual portando a sua "definição" particular para uma terminologia que, no mínimo, deveria ser adotada com a precisão indispensável à consolidação de qualquer pensamento estético. Precisão buscável onde, mesmo? Ora, lá mesmo, naquela grande ausente: na boa educação de dança.

Julgadores e julgados partilhando o mesmo estigma, o da ignorância justificada pelos bons sentimentos. Reclamações de parte a parte. Aos poucos, a necessidade

de modificar o quadro gerou um espaço novo. A reflexão ganhava status ao lado da barra e do plê diário. Vitória! Vitória! O reconhecimento oficial de que todos precisamos estudar foi o melhor saldo que esta primeira década de festivais produziu.

Resta agora entender com mais cuidado o que significa estudar, dentro dos limites de um Festival. Promover palestras a esmo, como quem se livra de uma obrigação incômoda, provavelmente não vai contribuir para a redução do nosso alarmante índice de analfabetismo em dança. Vai ser necessário repensar a qualidade da oferta de ensino teórico que um Festival deve promover para que a mesnise e o lugar comum que já vitimam a maior parte dos festivais em outros aspectos não tome conta também do espaço que a palavra deve ter ao lado do movimento.

Corremos o risco. Melhor momento para lembrar que, em japonês, o ideograma que representa "crise" é formado por dois outros: o que significa oportunidade, e o que significa perigo.

HELENA KATZ

Mostra de Dança de Campina Grande

O encontro de dança, do XVI Festival de Inverno de Campina Grande, realizado na 1ª quinzena de julho, agora tem existência oficial. A prefeitura da cidade oficializou o evento e espera-se que a mostra cresça em qualidade, pois o reconhecimento pode atrair mais investimentos privados para a realização.

O encontro, uma excelente oportunidade para a reunião de bailarinos e grupos do Norte e Nordeste - esse ano a mostra contou com um espetáculo de uma escola de Macapá - pode-se transformar num fórum privilegiado de troca de conhecimentos e talvez de novas perspectivas de trabalho para os festivais que se sucedem durante o inverno.

Uma das coisas mais interessantes do festival foram as reuniões informais para a discussão dos espetáculos de dança. Esses encontros informais - a princípio nada fáceis para a maioria - juntaram o Ballet Slagilun (já companhia comunal) os demais grupos, os professores, os críticos e algumas pessoas da comissão organizadora. Através da discussão do que se estava vendo no palco, falou-se de alguns aspectos da dança de hoje no Brasil.

Aproveitar essas oportunidades para conversas desse tipo pode ser uma forma de se discutir a já tão discutida estrutura dos atuais festivais de dança com as pessoas que permitem a sua existência: os bailarinos amadores e profissionais que cruzam o Brasil movidos por extremas e variadas carências de formação e formação, buscando palcos e críticas, premiações e reconhecimento, delimitações de categorias profissionais e mais discussões sobre o que fazem e como fazem.

CASSIA NAVAS

PERIGO



O Dorcinha da Uberaba encanta a platéia da Uberlândia.



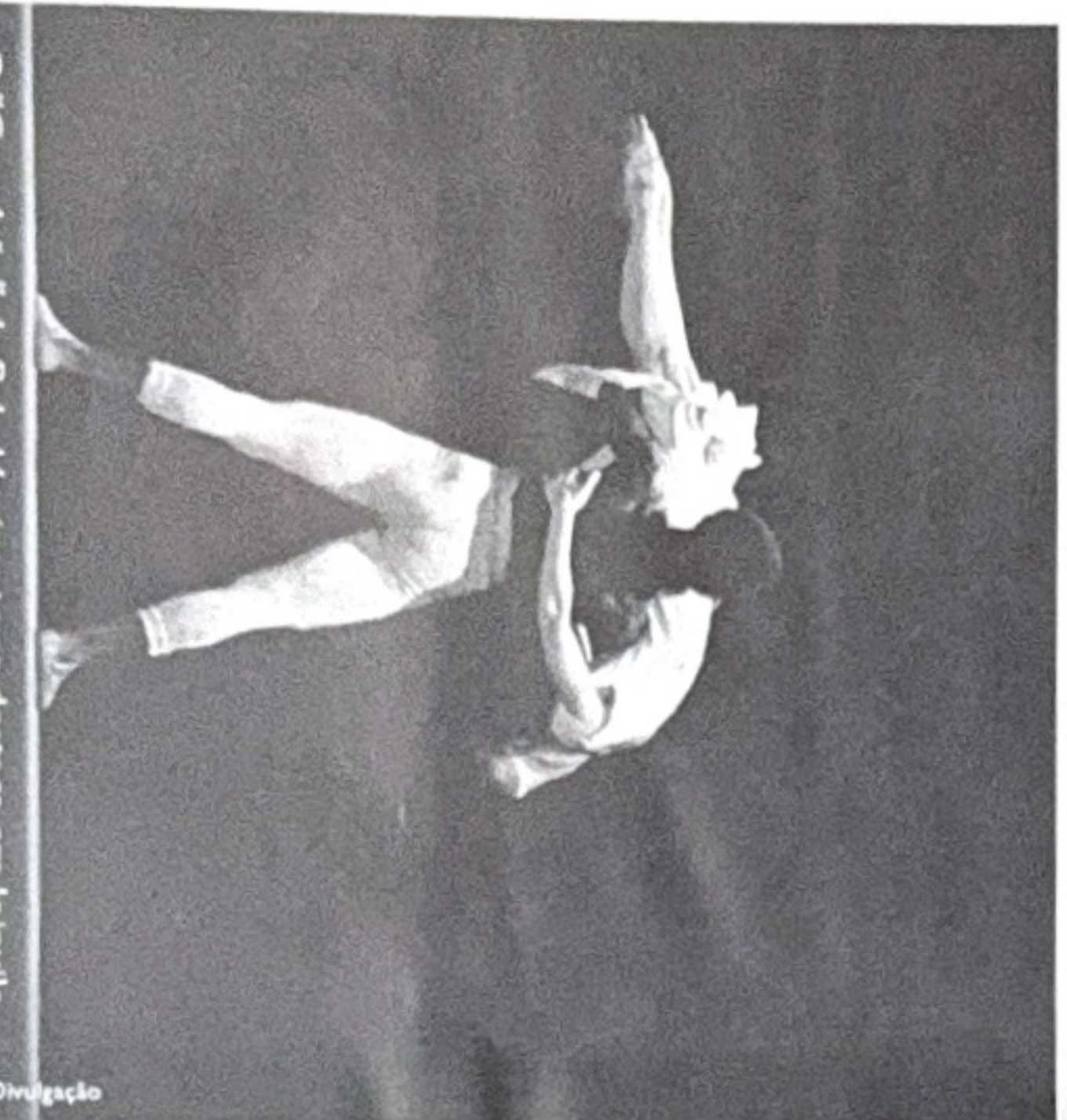
O FESTIVAL DO TRIÂNGULO CRESCE

O Festival do Triângulo cresceu em qualidade. Houve uma maior escolha na seleção, ainda que algumas coisas incompreensíveis tenham se apresentado, e o tamanho de cada apresentação foi sempre razoável, permitindo ao público assistir em cada noite sem ter de permanecer no Ginásio do Uberlândia. Tênis Clube até alta madrugada. O ginásio foi dotado de um bom palco e Luis Eguinoa fez um esplêndido trabalho na parte técnica, que funcionaria sem percalços.

Os convidados foram o Raça e a Cia do Palácio das Artes de Belo Horizonte, que mostrou um programa com três estréias e uma remontagem. Esta última, "Tango Concierto" de Júlio Lopes é mais um Piazzola, apenas agradável. "De Buscas e Solidão" de Antonio Carlos Cardoso, mistura de Luis Arrieta e Pina Bausch, só serve para mostrar o sentido de conjunto da companhia, hoje sua melhor qualidade. "Aquelarre" é o pior Oscar Ariza, repetitivo, esgotando-se muito antes de seu término. "Mozart" de Marcelo Moacyr expõe um coreógrafo cheio de idéias para uma composição visual criativa, mas cuja musicalidade deixa a desejar: os bailarinos iam para um lado, a música para outro. Tirasse ele o Mozart e colocasse Mahler ou Stravinsky, o efeito teria sido o mesmo, tal a disparidade de som e movimento. Valeu ver o crescimento da companhia. Disciplinada, carismática, cheia de bons elementos e assim elevando o nível do programa acima de seu intrínseco.

Dentro do contexto, destaques para o Ilusão e Vida de São Paulo, o Petrouchka do Rio, o Miti Waranage de São Bernardo do Campo, os Beth Dorça e Dorcinha de Uberaba, o Regina Mundi de Maringá, a Escola do Palácio das Artes de Belo Horizonte, o Uai Q Dança de Uberlândia e o Dançarte de Ribeirão Preto. Melhores porque apresentaram qualidade, que é o que interessa.

ANTONIO JOSÉ FARO



O "Camaleão" de Belo Horizonte se destaca em Joinville.

Divulgação

DOS FESTIVALS

Depois de cinco visitas sucessivas à Joinville, a mensagem é clara: os festivais se depuram, sua qualidade aumenta, passam a receber uma carga didática que medra em favor da qualidade do ensino, das escolas, da mostra coreográfica, e quem vai ganhando com isso é a dança brasileira como um todo. Infelizmente, nem todos pensam assim.

Proprietários de academias se revoltam com a não distribuição de alguns prêmios, esquecendo-se que, se existem 20 candidatos para três prêmios, dezesseis nada poderão receber. A mentalidade de muitos desses proprietários não é compatível, portanto, com a qualidade de ensino que se quer alcançar em suas cidades como forma de angariar mais alunos e reforçar suas contas bancárias. É quando o negócio toma precedência sobre a arte.

Assim se estabelece uma dicotomia de interesses entre os organizadores dos festivais e os donos de academias, uma divergência que não é de todo irreconciliável. Basta uma conscientização maior através de palestras, que esclareçam de uma vez por todas que há uma enorme diferença entre se organizar uma festa de fim de ano para que orgulhosos papais possam aplaudir seus rebentos e se criar uma dança de nível e convenientemente

A DEPURACÃO

interpretada. Dança é mais que lotar o palco com meninhas de lantejoulas fazendo quatro passos num compasso ternário.

Muitos desses coreógrafos não sabem nem coreografar uma simples valsa. Falta-lhes conhecimento de uso de espaço cênico, de música, de iluminação e de figurinos e ao entrarem numa competição, perante um júri idôneo, abalissado, internacional, unicamente interessado em promover a qualidade na arte da dança, expõem sua total fraqueza ao entrar na inevitável comparação com gente de maior talento e capacidade criativa. Saem perdendo e se lamentam, investindo contra tudo e contra todos.

É claro que a razão está com os organizadores dos festivais. Estão conscientes de que, melhorando o padrão de suas mostras, estão colaborando com a melhoria da dança no país. Os queixosos deviam, em lugar de se lamentar, ter um pouco mais de humildade, dominar seu ego exacerbado e procurar aprender, buscar informações sobre como e onde erraram, reclamar-se e tentar melhorar seu trabalho.

O imediatismo de muitos desses comerciantes da dança provoca coisas inomináveis, como a noite do jazz de Joinville, quando verdadeiras aberrações e

mesmices desfilaram durante mais cinco horas diante de um júri atônito e de um público que abandonava o Ginásio Ivan Rodrigues desportando com a baixíssima qualidade dos vídeos-clips aguçados que lhes era mostrado em nome da dança. Não importa que muitos desistam de voltar ao festival e gritem seus protestos para a lua: organizadores e jurados estão mais do que certos, já que defendem a arte da DANÇA.

ANTONIO JOSÉ FARO



Quasões complexas e pessoais.

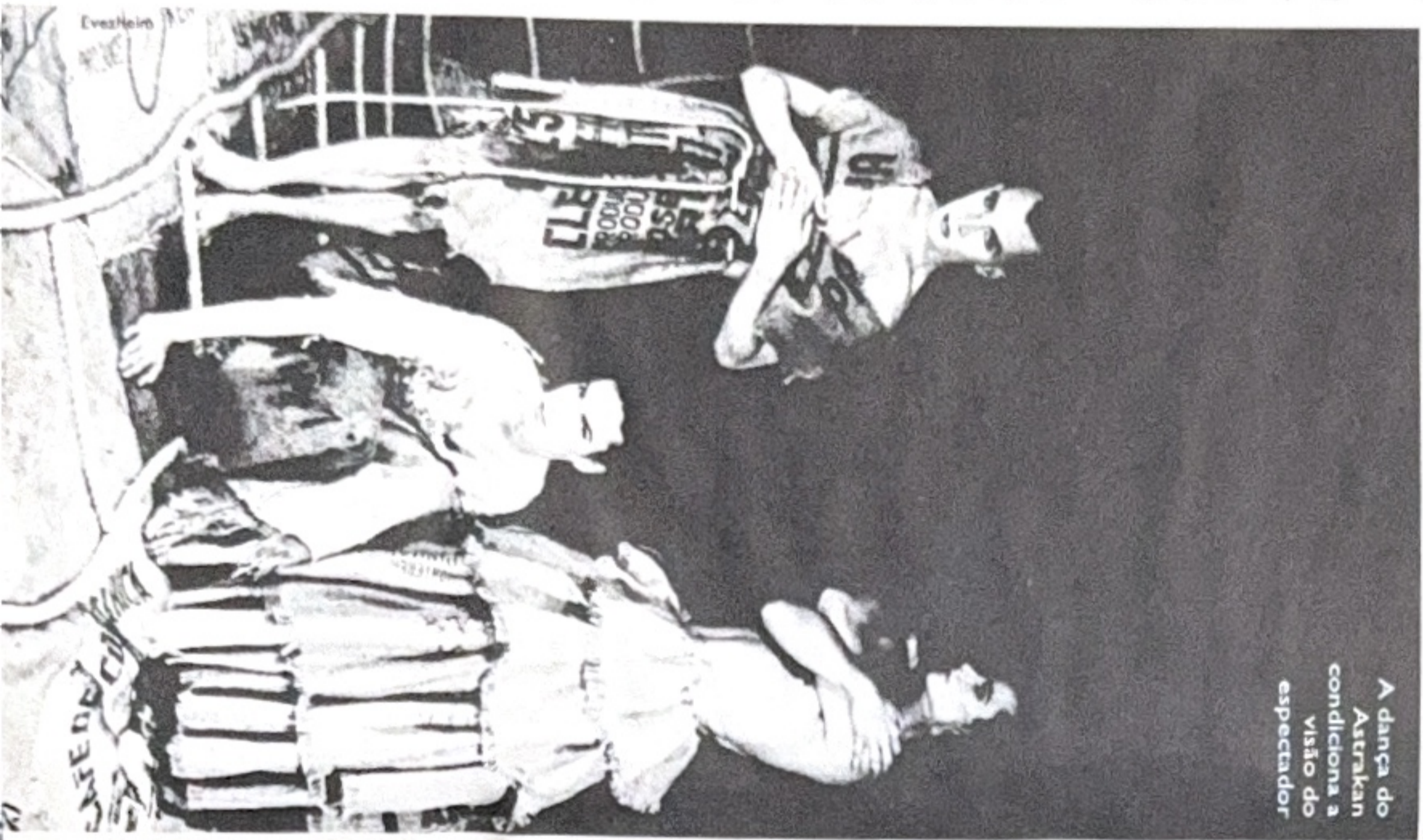
SUSANNE LINKE

2

ASTRAKAN

TRAJETÓRIAS
EUROPÉIAS

A dança do Astrakan condiciona a visão do espectador



A dança contemporânea europeia também está presente na 21ª Bienal Internacional de São Paulo, através de duas maneiras singulares de enfocar o corpo como expressão de idéias e sentimentos: a coreógrafa e bailarina alemã Susanne Linke, um dos expoentes do expressionismo atualizado, e o grupo francês Astrakan, dirigido por Daniel Larrieu, que justapõe movimentos em meio a um cenário multicolorido.

Susanne Linke é da mesma escola de Pina Bausch, a Escola Superior de Folkwang, criada por Kurt Jooss. É nessa tradição que insere seu trabalho, seus movimentos, onde cada gesto coreográfico, por menor que seja, funciona como uma declaração à existência humana. Sua passagem pelo país teve calorosos aplausos do público e elogios rasgados da crítica. Agora, nesta segunda temporada, Susanne Linke deve mostrar uma estreia mundial. A dança, tributária de Mary Wigman e Doris Hoyer, duas precursoras do expressionismo alemão, deve falar de problemáticas cotidianas e de muitos sentimentos pessoais.

Com "Gravures", o Astrakan, fundado há nove anos, realiza a primeira turnê brasileira. O espetáculo corresponde a uma gravura impressa: cada intérprete, cada lugar, representa uma única condição espacial. A dança, executada por seis bailarinos, realiza-se apenas uma vez, em lugar e tempo marcados, e só pode ser vista de um único lugar. Estas são as idéias de Daniel Larrieu, ex-dançarino da companhia de Régine Chopinot, criador de uma linguagem corporal chamada "Chore-Grafiques".

O figurino de "Gravures" tem tons fortes e contrastantes: cinza-escuro e azul-noite, no tecido de uma leve musseline. O palco está coberto por um linóleo verde, com a presença de uma estrutura aquática. Dança, teatro, música e artes plásticas, fazem a fusão da percepção visual provocada por gravuras. Larrieu é considerado como um dos mais inovadores da nova dança francesa.

BRASILEIROS

A DANÇA CONTEMPORÂNEA NACIONAL



Uma bola é a parceira de Cristina Brandini

A Dança Coral/ Origens de Maria Duschenes quer fazer com que cada pessoa se perceba como um indivíduo no meio da multidão. Para isso, instala-se num espaço especialmente criado por Denise Milan, chamado de "Slice of the Earth", na área externa do Pavilhão da Bienal, com uma coreografia baseada em improvisações, integrando 20 dançarinos e alunos da Escola Municipal de Bailado e Núcleo Lisboa de Dança, mais o público presente.

A Dança Coral tem espírito comunitário. Fundada por seu compatriota Rudolf Laban, através de um método de análise do movimento que permite aplicações no campo da arte e da educação, Maria Duschenes, desde a sua chegada ao Brasil, tem aperfeiçoado e desenvolvido essa visão do corpo humano.

Neste empreendimento, Duschenes conta com a colaboração de Maria Mommensohn na direção geral e uma equipe de quatro assistentes. A celebração conta ainda com a intervenção musical de cinco músicos e um grupo de percussão.

Atuando no sentido contrário, na busca de uma expressão mais intimista, Cristina Brandini põe no palco "Equilíbrios", onde sua única parceria é uma grande bola. Ex-integrante do grupo Andança, de espetáculos como "Geni" e "Tratar com Murdoch", Brandini vai no sentido de procurar entender o verdadeiro conteúdo dos volumes esféricos e utiliza o movimento como ponte ao entendimento. Une geometria e busca pessoal.

A Dança Coral se realiza sobre a instalação ambiental "Slice of the Earth" de Denise Milan.



Gi Grossi

SERVIÇO:
21ª Bienal de São Paulo.
De 21 de setembro a 10 de dezembro.
De 4ª a 6ª das 14 às 22 hrs, 3ª das 14 às 18 hrs.
C-R\$ 3.000,00 e C-R\$ 1500,00 (estud.)
As 4ª entrada franca.
Fundação Bienal de São Paulo Pq. Ibirapuera, portão 3.
ASTAKKAN
de 23 a 25 de setembro
Teatro Sérgio Cardoso
DOUGLAS DUNN
de 18 a 20 de outubro
Teatro Municipal de S.Paulo
ELIZABETH STREB
de 15-17 de novembro
Teatro Sérgio Cardoso
SUSANNE LINKE
de 28 a 30 de novembro
Teatro Municipal de S.Paulo
CRISTINA BRANDINI
de 9 a 13 de outubro
Centro Cultural S.Paulo
MARIA DUSCHENES
DANÇA CORAL
22, 23 e 24 de outubro
20, 21 e 22 de novembro
Área Externa do Pavilhão da Bienal.
Ibirapuera

O RETORNO DO GUAIRÁ



"Estância" de Luiz Arrieta marca a volta da companhia.

O Balé Teatro Guaira, sediado em Curitiba, começa finalmente a se deslanchar, depois de abrir sua temporada oficial. Estão previstas duas novas montagens e um intercâmbio inédito com o Teatro San Martín de Buenos Aires. Apesar de um aumento recente, a companhia ainda se debate com os baixos salários.

O Balé Teatro Guaira retorna e começa a experimentar uma nova fase, depois de quebrar um jejum cênico de quase oito meses. Com três novos trabalhos em cena, "Factory" de Carlos Trinchetras, "Estância" e o pas de deux "Pavane Pour Une Infante Défunte" de Luis Arrieta, a direção já tem traçado outros projetos: o Atelier Coreográfico e as produções da paulista Célia Gouveia e do mineiro Rodrigo Pederneras. O Circo Místico deve voltar e está quase certo o intercâmbio com o Balé San Martín.

Mas ainda persiste um problema que tem dificultado a vida dos 40 bailarinos: os baixos salários, hoje entre Cr\$ 100.000,00 e Cr\$ 200.000,00, que os obriga a buscar compensações em outras

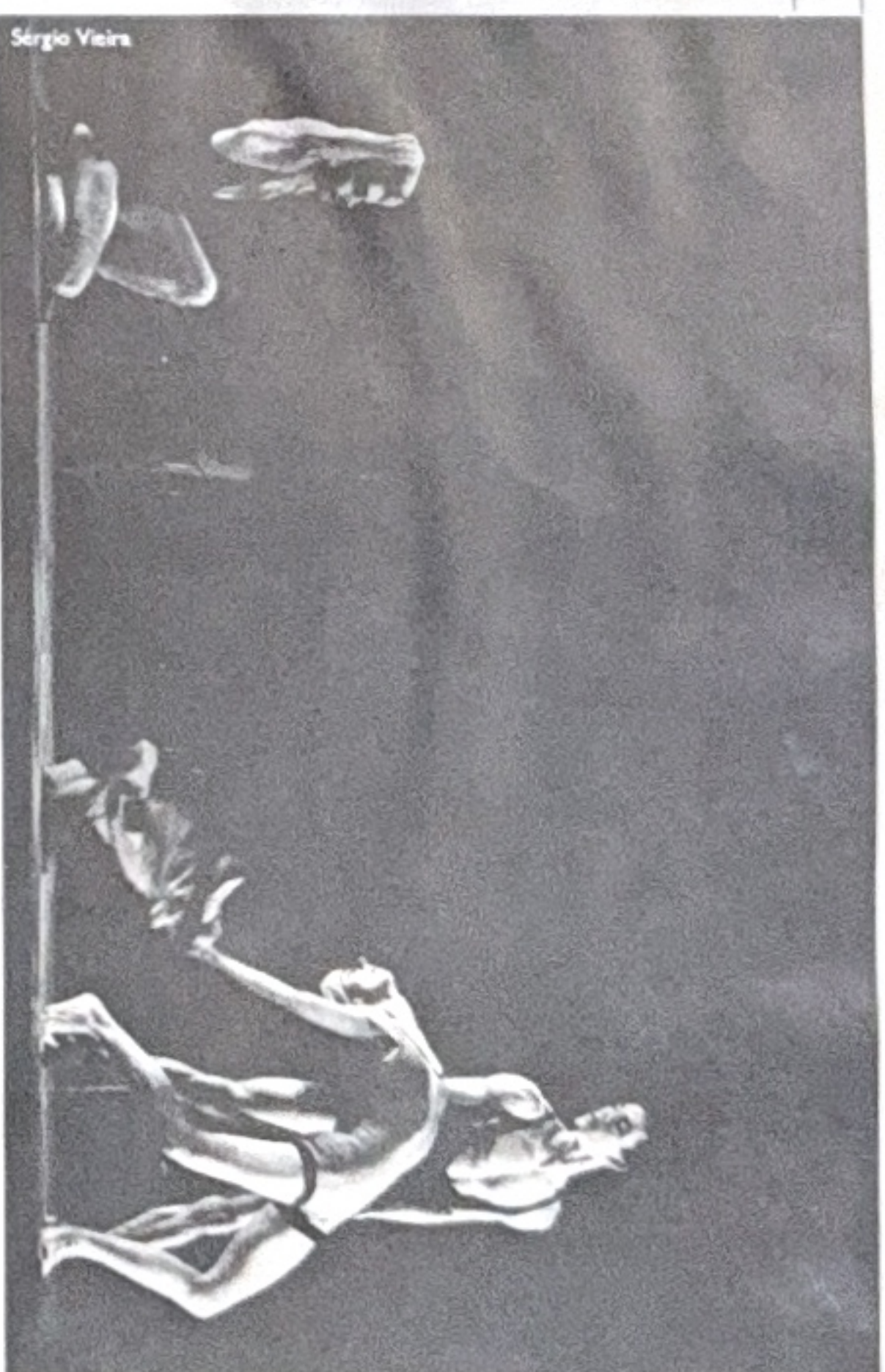
atividades e já desertou durante os últimos quatro anos muitos bons profissionais. Para Carlos Trinchetras, diretor artístico, a situação não é aconselhável: "Mas eu não posso recusar. Não é justo. A nossa administração tem consciência desse problema. O Oswaldo Loureiro, diretor-superintendente da fundação, está empenhado. Ele entende o nosso mundo, o mundo do artista".

O primeiro semestre foi pródigo em dificuldades: "Nunca tínhamos passado por tal crise. Tentamos nesse período usar de todos subterfúgios para a companhia se manter em atividade. Nessas condições, a desmoralização pode atingir o bailarino. Ainda bem que tivemos a chance de contratar o Arrieta. Até um mês antes da estreia não sabíamos o que ia acontecer", explica Trinchetras.

Depois de realizar a primeira temporada do ano, na segunda quinzena de agosto, a companhia emplaca seu ritmo normal. No início de setembro acontece o Atelier Coreográfico, um espaço de liberdade de

criação para os integrantes do conjunto. Trinchetras admite a possibilidade de no próximo ano aproveitar essas novas criações, incluindo algumas dessas experiências no repertório. Em outubro, Célia Gouveia desembarca na cidade para montar um Balé com música de Schubert. Em seguida, Rodrigo Pederneras, do Grupo Corpo, vem para concretizar um casamento diferente com o Guaira. O coreógrafo traz, desta vez, um projeto seu e completo.

O Circo Místico, que fez sucesso até em Portugal, será colocado de pé para uma turnê pelo estado do Paraná. O ano termina com um intercâmbio inédito: o Balé do Teatro San Martín se apresenta na casa curitubana e, logo depois, o Balé Guaira dança no teatro argentino, dirigido pelo coreógrafo Oscar Araiz. O apêndice da direção não pára aí. Ele inclui um desejo vigoroso de poder trazer o americano Lar Lubovitch, arquiteto de belíssimas coreografias, e a certeza também de poder realizar uma temporada nos teatros municipais do Rio e São Paulo.



"Factory" explora com sabedoria os valores da companhia.

O GUAIRÁ EM GRANDE FORMA

A volta aos palcos do Balé Teatro Guaira, prestigiada pelo governador do Estado do Paraná, revelou um dos grandes trunfos da continuidade do trabalho de Carlos Trinchetras: a unidade estilística da companhia, que dança como um só corpo. A esta qualidade, imprescindível para um bom resultado nos palcos, somam-se o crescimento técnico de todo o grupo, a força do naipe masculino e o aparecimento de novos solistas, que desabrocham lenta, porém firmemente.

"Pavane pour une Infante Défunte" de Luis Arrieta, é um dueto com os méritos da musicalidade e plasticidade, sem nada ter a ver com o título da partitura de Ravel. Eleonora Greca e Jair Moraes troxeram sua existência e segurança na noite da estreia, e o segundo elenco, com Marcia de Castro e Sérgio de Oliveira só não rendeu o mesmo pela diferença de altura dos intérpretes, ela alta demais para ele, o que é capital nesta obra. Os pares poderiam ser trocados com vantagem.

"Estância", também de Arrieta, tem a dinâmica da música de Ginastera, é musical, prejudicado apenas pelo excesso de panos dos trajes de Muriilo Sola, uma estilização de roupas gáuchas, e que perturbava a movimentação dos corpos. Regina Kotaka, Eunice Oliveira e Rui Alexandre lideraram muito bem o elenco.

"Factory", de Trinchetras, explora com sabedoria os valores intrínsecos da companhia, e demonstra o conhecimento de vocabulário do coreógrafo. O balé ganharia muito se fosse encurtado uns dez minutos, já que há situações e soluções algo repetidas. O visual, mais para paredes grafitadas e vestário de clube de subúrbio do que de fábrica, pareceu-nos propositalmente feio, ainda que criando um ambiente propício à violência da dança. A companhia dança soberbamente, expondo suas virtudes de uma forma cabal e merecendo os fatos aplausos.

REPERTÓRIO ESCALA Oposição

O Balé Guaira irrompe com um repertório mais despojado. Transforma o martírio da crise numa avaliação artística que esquece aparência das formas para penetrar no que pode estar camuflado nas coisas: "Estância" de Luis Arrieta, a partir da ambígua música de Ginastera, calma e turbulenta, é a esponja que limpa sutilmente um passado borrado e instaura, naquele momento, uma identidade à companhia paranaense, que vem se debatendo para manter à tona desde o sucesso de "O Grande Circo Místico". E não é pouco. Arrieta aproveita as qualidades dos 10 bailarinos sem arranhar sua concepção da cena coreográfica: a repetição incessante de motivos, a noção de conjunto, de massa unida, o estilo incisivo de jogar os braços e a presença forte de suas idéias. Aqui Arrieta traduz habilmente alguns eventos, anunciados como a sua vivência do mundo rural portenho, que podem se referenciar a qualquer um. Uma dança mobilizada, a princípio, por frases simples, mas que se define aos poucos em atrativa, na interpretação vigorosa de todo o elenco.

Na oposição, "Factory" quer falar muito. Quer jorrar angústias, dilemas, tendo como condição a profusão de elementos realistas: os cenários (os muros, as portas da fábrica e do bordel), os figurinos óbvios e pedaços no balé onde os tipos almejam existência própria. Enquanto Carlos Trinchetras visibiliza, em boa hora, sua preocupação em fugir da forma atravancada, os elementos presentes na cena se apresentam pragueiosamente comuns. O palco vasado, limpo, apenas com as projeções de siluetas deformadas, e trajes menos marcados seria o campo ideal para que a coreografia mostrasse toda sua força. Isso ela tem às vezes: o trio masculino desempenhado pelo potencial crescente de Wanderley Lopes, Jerandi Silva e Sérgio Oliveira. É prazeroso e bem dosado no minimalismo do grupo inglês "Delerium".

ANTONIO JOSÉ FAO



O elenco masculino em "Factory" de Carlos Trinchetras.

MARCOS BRAGATO

Municipal do Rio

A Bela Adormecida

ACORDA

O Balé do Teatro Municipal do Rio não entra no palco desde novembro de 1990. Das muitas razões para tal absurdo, sobressaem a incuria e incompetência no campo artístico da administração anterior da Fundação que rege o teatro, e que impediu que profissionais do gabarito de Tatiana Leskova e Denis Gray trabalhassem corretamente. Acrescente-se o caos administrativo em que foi transformado o teatro, e temos um quadro dos mais negros enfrentado pela administração de Dalal Achcar, que ao assumir se cercou logo de nomes dos mais ilustres, como o maestro Henrique Morlebenbaum e o Prof. Luiz Paulo Sampaio.

Sem receber aumento desde janeiro de 1990, os Corpos Estáveis do Municipal entraram em greve, obtendo recentemente um aumento de 100%, alda aquém do custo de vida, mas que aliviou por enquanto uma situação até certo ponto sádica e incompressível. Os artistas fizeram questão de manifestar seu apoio a Dalal, e já voltaram aos palcos, inicialmente num concerto comemorativo do aniversário da Orquestra e do Coro.

O Balé deveria abrir o Festival de Jolville. Com a greve, foram interrompidos os ensaios, e só Ana Botafogo, Nora Esteves e Francisco Timbo agora estiveram

presentes. Prepararam um programa com o II Ato de Lago dos Cisnes e outros balés para se apresentarem em Campos, Friburgo e outras cidades do interior fluminense, além de uma série de matinais dominicais no próprio Municipal. Para mais tarde, a montagem de Don Quixote ou do Quebra-Nozes, dependendo da produção mais em conta e em melhor estado.

Plataformas, só para 1992, quando estiverem equacionados os problemas administrativos e financeiros, com a obtenção de verbas para novas produções e a possibilidade de viagens. O Balé do Municipal, com seus 80 dançarinos e mais equipe técnica, não é fácil nem barato de se locomover dentro dos enormes espaços de nosso país, mesmo com um repertório que não inclua as grandes produções, capazes de serem montadas apenas nos teatros de São Paulo, Belo Horizonte, Brasília e Curitiba, além do hora fechado Castro Alves de Salvador.

Pela vontade de Dalal e de sua equipe, e pela confiança neles depositada pelos artistas, é licito esperar-se, a partir de 1992, dias melhores para o Municipal do Rio. Vamos crer no ditado, dia de pouco é vespera de muito...

ANTONIO JOSÉ FAO

A GOZAÇÃO INTELIGENTE DO TROCKADERO

Os Ballets Troackadero de Monte Carlo tornaram ao Brasil pela terceira vez, e voltaram a mostrar por que, desde sua fundação em 1974, vem fazendo rir as platéias amantes do balé de uma maneira inteligente, saudável e nada preconceituosa, o que talvez seja sua maior virtude. Fundada por Peter Anastos, também sua primeira "estrela", os Trocks vem, desde então e passado o êxito inicial, encantando platéias e críticos com sua agudeza e mordacidade.

O êxito inicial é que o elenco é todo masculino. Assumindo nomes e biografias estapafúrdios, brincam em cena com as mazelas, as picuinhas, as rivalidades e os absurdos que fazem parte integrante do mundo da dança. Suas montagens de "O Lago dos Cisnes", "Don Quixote" ou "A Filha do Faraó" não debocham dos grandes clássicos, mas vão buscar neles o empurrão inicial para, através de exageros, chegar à comichade sã, limpa e muito criativa.

Atingem plenamente seus objetivos, ainda que talvez seja um tipo de proposta para ver-se periodicamente, intermitentemente, pois é muito direcionada a um único propósito, e repetições em demasia poderiam cansar. Nesta viagem, trouxeram um balé de Anastos, "Yes, Virginia, Another Piano Ballet", que goza, não os clássicos, mas a enxurrada de balés com música para piano que invadiu a dança desde os anos 60. É dançado, igualmente, por elencos heterossexuais, e com a mesma graça e objetividade.

A qualidade da dança é submetida aos objetivos cômicos. Pontas e joelhos não esticados, piruetas torcidas, tudo faz parte de uma enorme gozação, alcançada muito mais facilmente por quem trabalha em dança do que pelo leigo, ainda que estes não escapem à graça inata que emana de figuras masculinas interpretando as briguinhas que as grandes estrelas da dança escondem do público, colocando-as no palco, durante a representação. Os Trocks, através do exágono e trazendo muito dos bastidores para o palco, alegam nossas idéias, e preenchem um espaço só seu dentro do mundo da dança.

ANTONIO JOSÉ FAO



Gene McDougle

Gene McDougle em Gisel, fazendo graça, mas dançando de verdade.

Jonathan Stone e sua coreografia vocal.

Divulgação

PS 122 FIELD TRIPS

Este é o nome do espetáculo mostrado, com quatro bailarinos norte-americanos, no teatro do Crowne Plaza, em agosto, sob os auspícios do grupo Contadores de Estórias de Parati (RJ), dirigido por Marcos e Rachel Ribas. Sarah Skaggs, Jonathan Stone, Grisha Coleman e Ron Brown, apresentaram pequenas peças de trabalhos que desenvolvem no PS 122, centro cultural do East Village, em Nova York. Neste segundo encontro com a vanguarda novaiorquina, promovido pelo casal carioca, as atenções se concentraram sobre a dança vigorosa de Ron Brown, bailarino negro atlético e dono de uma movimentação linda.

Há seis anos, Brown dirige sua própria companhia, a Evidence and Co., depois de ter atuado com os grupos de Alley e Jennifer Muller. Brown é um excelente dançarino moderno. Apesar da estatura, ele se desloca com facilidade e imprime uma execução fluida. As quedas são sempre seguidas de recuperações incisivas, recheadas permanentemente pelos impulsos ágeis dos braços. O palco pequeno do Crowne Plaza limitou bastante a expansão de seus movimentos, limitou o que poderia desaguar num envolvimento maior. Os solos de Sarah Skaggs, por outro lado, se revelaram limitados pela insistência em percorrer o mesmo objetivo: braços em profusão, tensão disfarçada e repetitivos "breques". Nada em especial. O inusitado ficou por conta da dupla Grisha Coleman e Jonathan Stone, que ao invés do movimento optaram pelo jogo da vocalização, com sons e ruídos estranhos. A melhor das cenas é aquela em que Stone desencadeia uma série de situações engraçadas, através do silêncio, gestos e expressões faciais: um indivíduo acordado frente à platéia e instável, a partir desse momento, uma série de perguntas sem respostas. O próximo projeto dos Contatos Cênicos será em 92, com o teatro de vanguarda londrino "The Place".

MARCOS BRAGATO

O jovem Frederic Gafner, filho de nossa Beatriz Consuelo passa a ser o primeiro não americano a integrar a Companhia de Merce Cunningham em toda a história do grupo. Por falar em Beatriz, seu Ballet Junior de Genebra continua a amealhar prêmios para seus dançarinos, e inclui no seu repertório coreografias de três brasileiros: Ivonice Saïte, Antonio Gomes e Guilherme Botelho.

●●●

O Prefeito de Nova Iorque ameaça a cidade com o que já foi chamado de "Chernobil cultural": um corte nas verbas que afetará gravemente as 32 organizações culturais da cidade, principalmente museus e companhias de dança. O pior é que o corte corresponde a menos de 1% do orçamento da cidade, quantia ridícula que pouco ou nada afetará a vida da grande metrópole. Se o corte vier, teatros como o City Center, dedicado à dança moderna principalmente, terão de fechar suas portas.

●●●

A grande Martha Graham faleceu a 1º de abril deste ano, mas sua companhia já tem novos diretores, Linda Hodess e Ron Protas,

que eram os assistentes de Martha. Anuncia-se inclusive uma viagem à América Latina em 1992. Tomara que o Brasil esteja incluído.

●●●

Cynthia Gregory, uma das grandes estrelas de sua geração, despediu-se dos palcos com uma representação de **O Lago dos Cisnes**, na temporada do American Ballet Theatre, companhia para a qual entrara em 1965, realizada em Nova Iorque em maio-junho deste ano.

●●●

O Festival de Jacob's Pillow criou um grupo de dança denominado Ballet Repertory Project, formado por jovens dançarinos russos e americanos. Para eles, Tatiana Leskova remontou dois dos balés sinfônicos de Leonide Massine, **Les Présages** e **Choreartium**. Ambos serão mostrados na temporada soviética que o grupo programou para 2 a 13 de setembro. Quando é que Leskova será convidada a realizar o mesmo, e importantíssimo trabalho, para uma de nossas companhias?

●●●



Frederic Gafner em "Pássaro Azul", Stuttgart Ballet.

Karole Armitage, cuja companhia se desfz há dois anos por razões financeiras, parece ter encontrado um novo mecenas na cidade de Crested Butte, no Colorado, que lhe ofereceu residência e local para trabalho. Armitage reformou seu grupo, que emigrou para a pequena cidade, com apenas 12 mil habitantes, e onde a coreógrafa pretende continuar seus estudos espaciais e avançados, e que tem entusiasmadas como Nureyev e Baryshnikov.

●●●

Pesquisadores americanos trabalham na remontagem de **La Chate**, balé de Balanchine com música de Henri Sauguet feito para os Ballets de Serge Diaghilev em 1927, e um dos grandes sucessos do período final daquela grande companhia. O papel principal foi um dos triunfos de Alicia Markova, que agora ajuda na remontagem. O mais difícil está sendo reconstruir os cenários arquitetônicos de Gabo e Pevsner, que usavam grandes quantidades de plástico, hoje proibido na maioria das posturas e leis que cercam montagens teatrais.

ANTONIO JOSÉ FARO



Ginástica localizada e aeróbica
Baby-class e Ballet Clássico
Jazz com

MAÍSA TEMPESTA
Rua São Daniel, 173
CEP 04288
Saúde-S. Paulo
Fone: (011) 272-0002



Pilas K-7 para ballet,
ginástica, classes infantis - solo de piano

Musica erudita - Jazz - Brasileira
Conjuntio Completo de 14 filas para ballet do baby-classes ao superior, mais 7 filas anexas desde baby até profissionais.
Total de 21 filas sendo 1 de musica brasileira
Bald - Canastra Rumora Desportiva - Seguracao Ierquestril
Planista Susana Menda
R. Pucudo Genuk, 581 qd 72
CEP 01409
Fone: (011) 284-1174/ 285-2756/ 287-8153
Sao Paulo



**AJUDE A
FUNDAÇÃO ANTONIO PRUDENTE
DEPOSITANDO SUA CONTRIBUIÇÃO
NA CONTA N.º 400.000/5 - AG. 095
BANCO BRADESCO. TEL: 278-0826
Rua Prof. Antonio Prudente n.º 211.**



rosset[®]
roupas

ROMMEL & HALPE
A marca oficial da Dança e Ginástica